



1991

Menezes

/

Laplanche

O *Jornal de Psicanálise* do início dos anos 1990

A tarefa de fazer o *Jornal*, juntamente com a Liana (Pinto Chaves), me foi confiada pela Myrna (Pia Favilli), então diretora do Instituto e foi a minha primeira participação numa atividade regular da instituição. Foi também a que me deixou as melhores lembranças. Com mais quatro colegas – membros filiados – nossa pequena equipe se experimentava amadoristicamente na atividade de jornalistas de ocasião. Sim, porque levávamos a sério o nome *Jornal*, embora estivéssemos fazendo já uma pequena revista víamos nela uma função diferente de uma revista científica. “Pequena e ágil” como a queríamos, podia ser um lugar para acolher assuntos de atualidade na vida da instituição, tratados com o cuidado que a escrita requer.

Lembro, por exemplo, de uma circular qualquer sobre um assunto relacionado com quesitos de avaliação, enviada aos candidatos pela comissão encarregada. Esta foi coberta de suásticas e enviada, pelo correio, em retorno, para todos os membros da Sociedade, incluindo, claro, todos os candidatos. Foi um ato que teve um efeito chocante, como se pode imaginar, pois, além de ser anônimo, era obscuro no que “queria dizer” exatamente. Deixamos passar alguns meses e fizemos um número com o tema *Avali(z)a-se um psicanalista*, convidando as pessoas a se manifestarem com suas ideias sobre como o Instituto e, portanto, a Sociedade, procedia na apreciação e discussão das produções dos colegas e no reconhecimento que eles pudessem encontrar ou não nestas situações, em particular, dentro do Instituto. Este episódio ilustra este modo “jornalístico” de encarar a função que tínhamos assumido. Em geral, felizmente, as coisas não chegavam a este ponto, mas podíamos perceber e definir pontos que

estavam “pedindo” para serem discutidos, tendo em mente que se o *Jornal* é do Instituto, as questões mais críticas neste não são diferentes das que se apresentam no convívio científico e institucional dentro da Sociedade como um todo.

Com todos os desenvolvimentos destes 25 anos, vejo que o *Jornal* mantém este norte e serve de um modo muito particular a nossa instituição, nisto diferenciando-se de uma revista científica *strictu sensu*, embora tenha também, é claro, a função de publicar trabalhos científicos.

Nesta linha, tínhamos naquela época um problema com os seminários para estudar textos da obra de Freud. A única tradução de que dispúnhamos tinha sido feita diretamente do inglês e sua qualidade era bastante questionada e questionável! Os direitos pertenciam à Editora Imago e nenhuma tradução poderia ser feita sem o acordo expresso da mesma. Esta situação legal iria perdurar até que se passassem setenta anos da morte do autor, ou seja, até janeiro de 2010, tempo que nos parecia infundável.

No *Jornal*, privilegiamos uma atividade que promovíamos na Sociedade, um seminário mensal sobre a tradução de Freud do alemão, aberta aos psicanalistas e a profissionais com atividades de tradução na área literária, germanistas, filósofos etc. Paulo César Souza foi quem apresentou seus estudos mais regularmente neste seminário, mas dele também participaram Luiz Alberto Hanns e Osmyr Faria Gabbi Jr. Osmyr acabara de publicar uma excelente tradução do “Projeto”.

Entre na ocasião em contato com o nosso colega da SBPRJ, Jayme Salomão, proprietário da Imago e contei para ele de nossos seminários sobre a tradução de Freud, pedindo que nos autorizasse a publicação no *Jornal* do que chamei de “traduções experimentais” de textos de Freud. Era algo delicado, mas fomos conseguindo a sua autorização – precisava ser dada para cada texto (via fax) – com a ideia de podermos utilizá-las nos nossos seminários. Em alguns anos – isto tendo continuado com as equipes editoriais que nos sucederam – chegamos a publicar uns quinze textos de Freud cuidadosamente traduzidos do alemão. Temos hoje que agradecer a autorização que o nosso colega da Imago, dr. Jayme Salomão, nos concedeu para isto.

Finalmente, uma palavra sobre o material que escolhi deste período para ser agora republicado no *Jornal*. A escolha se impôs pelo seu valor histórico e pelo ineditismo de termos tido, como Sociedade, a ocasião deste encontro com Jean Laplanche, pois ele fora o principal protagonista da mudança mais radical já feita em uma sociedade da IPA com relação à peça central da formação, a análise didática, prática historicamente consagrada, sacralizada e questionada desde a sua criação em Berlim, nos anos 1920.

O presidente era J.-B. Pontalis, a Sociedade se chamava Association Psychanalytique de France (APF) e a proposta feita por J. Laplanche, com apoio ativo do presidente, consistia simplesmente em aboli-la, sendo visto como um contrassenso manter uma análise patrocinada pela própria instituição formativa

que, desta maneira, nela introduzisse uma finalidade extra-analítica. O debate sobre essa proposta se estendeu entre 1970 e 1971, tendo sido finalmente aprovada. A ênfase se deslocou para as entrevistas de seleção – o pretendente deveria estar em análise há um bom tempo – e nestas se procurava avaliar se este estava genuinamente envolvido em um processo analítico e, também, passou a centrar-se nas supervisões, que se estendiam por anos. Somente uma pequena parcela dos pretendentes era aceita ao final destas entrevistas e, por outro lado, as recusas eram frequentes na avaliação das supervisões. Em Paris, na época, a APF era criticada pelo rigorismo de suas práticas formativas.

Sociedade bem menor, embora prestigiosa, a APF foi seguida, pouco a pouco, pela Societé Psychanalytique de Paris (SPP), bem maior, com medidas que resultaram também na abolição da análise didática. A IPA, na época ainda bastante burocrática e intervencionista, fechou os olhos para o que se passava na França e foi somente 35 anos depois, no Rio de Janeiro, em 2005, após vários anos de intenso e apaixonado debate interno, suscitado pela América Latina, que essa modalidade de proposta formativa foi reconhecida como uma das modalidades formalmente reconhecidas pela Associação Internacional.

Que tenhamos tido a oportunidade, enquanto Sociedade, de ouvir, de questionar e de debater, de forma bastante direta, sobre esta iniciativa, com o próprio Jean Laplanche, é um acontecimento significativo que o *Jornal* reproduz agora na íntegra. Vale notar que a vinda de Laplanche a São Paulo fora organizada pelo Instituto Sedes Sapientiae, que, generosamente, nos deu a possibilidade deste encontro.

Luís Carlos Menezes
Membro efetivo da SBPSP
luismzes@hotmail.com